

## Depoimentos de Pessoas com Deficiência na Teledramaturgia: Reconhecimento de uma vida (?)

BRUNA ROCHA SILVEIRA<sup>1</sup>

### Resumo

A inserção de histórias de vida reais na teledramaturgia aparece como forma de conferir veracidade e força ficcional às tramas. Analiso nesse trabalho os depoimentos de pessoas com deficiência física que foram apresentados no final dos capítulos da novela *Viver a Vida*, que tinha como protagonista uma mulher tetraplégica. Dos 209 depoimentos apresentados, 54 eram de pessoas com deficiência que contam, sob um padrão de representação (midiático), suas histórias pessoais indo da tragédia à redenção. Na presente análise é possível perceber que o discurso midiático trabalha num movimento de transferência da pessoa com deficiência do lugar de vítima para o lugar do vencedor, sempre o deixando em um lugar de diferenciação social.

**Palavras-chave:** telenovela; representações; deficiência; histórias de vida.

### Abstract

The inclusion of real life stories in TV drama appears as a way to check veracity and strength fictional to plots. I analyze in this work the testimonials of people with physical disabilities that were presented at the end of the chapters of the novel *Viver a Vida*, which had as its protagonist a quadriplegic woman. Of the 209 testimonials presented, 54 were people with disabilities who have, under a standard representation (mediatic), their personal histories narrated going from tragedy to redemption. In this analysis it is possible to realize that the media discourse works in a movement to transfer the disabled person in the place of the victim to the place of the winner, always leaving a place of social differentiation.

### Introdução

Em 2009 foi ao ar, pela Rede Globo, a telenovela *Viver a Vida*, que apresentou uma protagonista com deficiência física (tetraplegia). Com essa personagem, os 25 milhões de pessoas com deficiência do país (IBGE, 2012) puderam se reconhecer e reconhecer o seu cotidiano no horário nobre da televisão brasileira. Além disso, no final de cada capítulo de *Viver a Vida* eram apresentados depoimentos de pessoas que passaram por alguma adversidade na vida<sup>2</sup> e conseguiram superá-la. Nesses breves depoimentos, pessoas trechos, dando ênfase aos obstáculos pelos quais passaram e venceram. Em minha dissertação de

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação (FACED – UFRGS), Mestre em Comunicação Social (PUCRS). Bolsista CAPES. Email: bruna.rochasilveira@gmail.com

<sup>2</sup> Além de pessoas com deficiência, foram apresentadas pessoas que superaram diversas dificuldades como o uso de drogas, o alcoolismo, doenças devastadoras, problemas familiares, homossexuais, abuso sexual, violência doméstica e problemas financeiros.

mestrado, especificamente, analisei a representação da pessoa com deficiência na referida telenovela. . No presente trabalho, analiso os 54 depoimentos de pessoas com deficiência física apresentados dentre o total de 209 depoimentos apresentados na novela, os quais ficaram disponíveis no Portal da Superação, com o objetivo de identificar que tipos de padrões e recorrências encontramos em tais discursos<sup>3</sup> e o que isso pode significar.

Para tanto, primeiramente apresento os *Disability Studies* como uma forma de olhar para os fenômenos das pessoas com deficiência em nossa sociedade e situar de onde parte o meu olhar para essa questão. Em um momento posterior, apresento um breve resumo da trajetória da personagem Luciana de *Viver a Vida* bem como da representação da pessoa com deficiência na presente novela, para então analisar os depoimentos das pessoas com deficiência apresentados no final de cada capítulo de *Viver a Vida*.

### ***Disability studies* e representações**

As representações das pessoas com deficiência física na mídia são tema já bastante discutido pelos *Disability Studies*, que se propõem a desconstruir o aparato de poder e de saber que gira em torno daquilo que naturalizamos como o outro deficiente (SKLIAR, 2003, p. 155). A presente análise é realizada tendo como base esses estudos, que examinam como os efeitos da história cultural, forças estruturais, instituições, formas de acesso a bens e oportunidades afetam as pessoas com deficiência e pretendem entender e contribuir para o entendimento do mundo assim como oferecer perspectivas de melhoramento da vida das pessoas com deficiência. Os *Disability Studies* se valem dos estudos culturais britânicos e norte americanos quando estes estudam a divisão social, hierárquica e antagonística de gênero, idade, raça e gerações.

Para pensar a representação das pessoas com deficiência, utilizo a definição desenvolvida por Stuart Hall (1997), entendendo que as representações midiáticas interferem nas percepções individuais e coletivas do mundo. Levando em conta que os significados são constantemente produzidos pela interação entre os sujeitos e pelo consumo de objetos culturais, a interação das pessoas com deficiência na sociedade pode produzir outros significados para a deficiência, sendo capaz de consolidar e/ou modificar o olhar que a pessoa sem deficiência tem sobre a pessoa com deficiência, assim como o olhar que a pessoa com

---

<sup>3</sup> Utilizo nesse trabalho a palavra discurso para me referir à fala das pessoas e instituições, não problematizando esse conceito dentro de alguma corrente teórica específica, como a de análise de discurso, por exemplo.

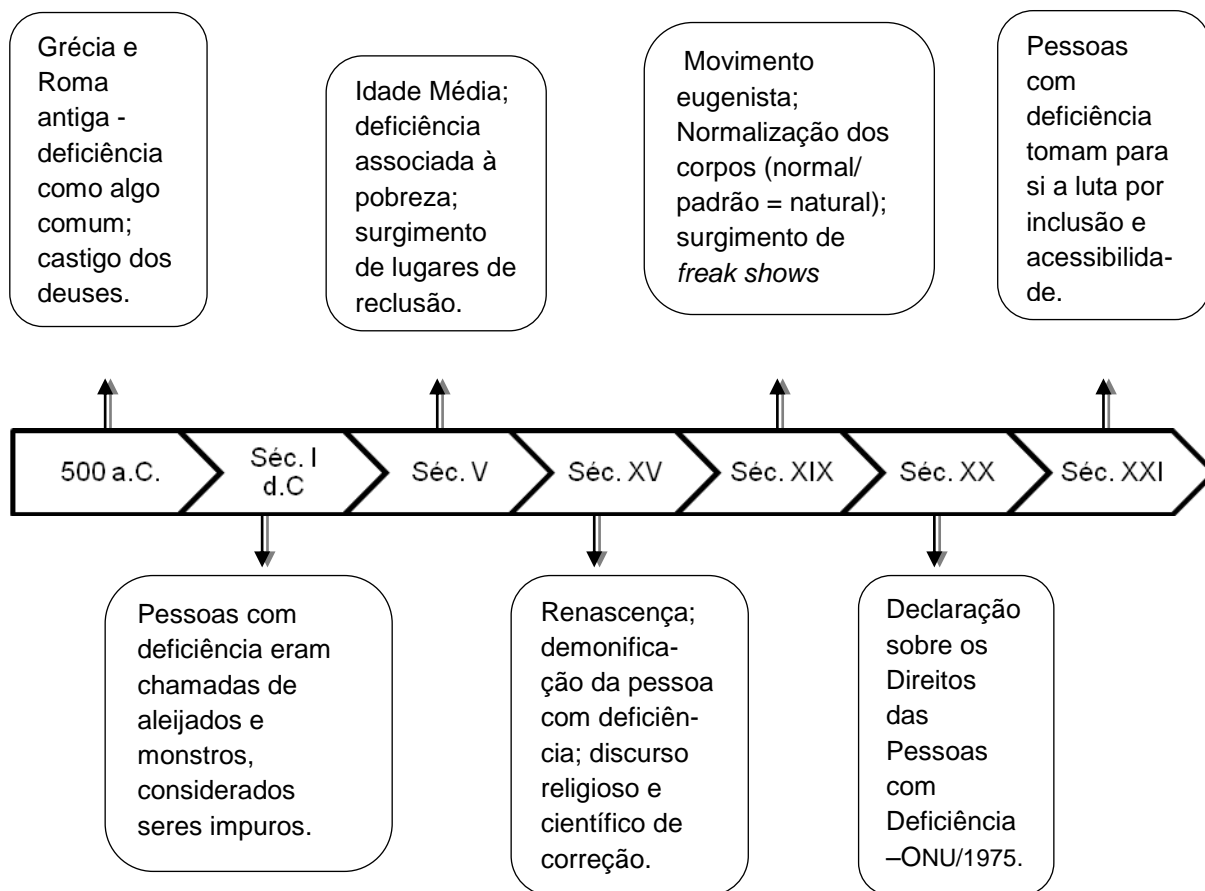
deficiência tem de si própria. Dessa forma, entendo que a cultura da mídia tanto pode contribuir para a reprodução de discursos estereotipados e preconceituosos quando falamos em grupos minoritários (sexo, idade, classe, cor, habilidades), quanto pode propiciar uma visão mais positiva sobre esses grupos.

Segundo Skliar, “o outro foi alterizado e sua alteridade foi examinada sob a lupa de um processo estatístico e eugenésico, matemático e moral, físico e social” (2003, p. 186). As ciências, com a ajuda da estatística, padronizaram o ser humano normal, incluindo classificando tudo o que não se enquadra nessa categoria como anormal. Um ser humano de total normalidade é algo fantasioso, mas as pessoas com deficiência foram especialmente colocadas à parte da sociedade, que parece ser concebida enquanto grupo homogêneo, constituído de *pessoas normais*, segundo determinados padrões estéticos e produtivos. O normal é o desejável, é aquilo que tem valores positivos. O anormal é o que se detesta e se repele. Há assim uma hierarquia entre as identidades. A identidade normal é *natural*, a anormal é aquela que não deveria existir.

Segundo estudos de teóricos dos *Disability Studies*, historicamente as pessoas com deficiência foram caracterizadas como incapazes de viver em sociedade, de fazer suas escolhas, de estudar e trabalhar, e foram infantilizadas. A visão que a mídia e a arte tinham sobre a pessoa com deficiência era (e talvez continue sendo) tão estereotipada quanto a visão da sociedade em geral. Os personagens com deficiência apresentados pelo cinema, televisão e mídia impressa, tanto ficcionais como reais, são apresentados a partir de fortes dramatizações, sem problematizar sua vivência em sociedade. As pessoas com deficiência são frequentemente invisíveis, ignoradas pela sociedade, apesar do choque visual que a maioria das pessoas tem diante de uma deficiência, ao menos daquelas visíveis.

Apesar de convivermos com as deficiências desde o início da humanidade, o lugar social da pessoa com deficiência não mudou muito. Sim, algumas evoluções, principalmente no campo jurídico, foram alcançadas ao longo dos séculos, mas as barreiras atitudinais, ou seja, a forma como as pessoas com deficiência são tratadas pela sociedade, continuam sendo muito ligadas ainda à ideia da anormalidade e da deficiência como castigo e impureza do ser. A fim de facilitar o entendimento de como as pessoas com deficiência foram vistas ao longo da história ocidental, ilustro, com uma linha do tempo, essa possível evolução (Figura 1). Digo possível porque, apesar de serem visões predominantes em determinadas épocas, todas elas coexistem cotidianamente.

Figura 1 – A pessoa com deficiência na história



Fonte: Silveira (2012).

Kellner nos lembra que, na cultura contemporânea, os meios dominantes de informação e entretenimento são fontes de pedagogia cultural, “contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não”, mesmo que muitas vezes não sejam percebidos dessa forma (2001, p. 10). O processo de criação da normalidade do séc. XIX enquadrava a pessoa com deficiência como incapaz segundo seus padrões estéticos e produtivos, associando a deficiência a um problema (Davis, 2006). Esse mesmo processo desconsidera o sujeito, vendo nele apenas um corpo deficiente. A sociedade não sabe o que fazer com a pessoa com deficiência e suas particularidades, assim, ou negligencia sua existência ou a coloca sobre um altar, não muito diferente do que se fazia na Idade Média, quando a pessoa com deficiência era considerada ou um monstro a ser extinguido ou um ser mágico a ser adorado. Acredito que o caráter pedagógico da mídia, citado por Kellner, ajuda não só no processo de “educar o olhar” das pessoas para a

deficiência, mas, principalmente, no processo de mudança de atitudes em relação às deficiências.

### **A pessoa com deficiência em *Viver a Vida***

Na novela *Viver a Vida*, a personagem Luciana (interpretada pela atriz Alinne Moraes) era, antes de seu acidente, uma jovem mimada e rica que aspirava à carreira de modelo internacional. Após o acidente de carro que a deixou tetraplégica, Luciana foi apresentada inicialmente como vítima, afinal, uma mulher jovem e bonita não “merecia”, do ponto de vista da própria personagem, um destino como esse. Entretanto, o discurso de otimismo e a positividade em relação à deficiência fizeram de Luciana uma heroína, uma vencedora, e o discurso de esperança e superação é o predominante em toda a telenovela (SILVEIRA, 2012). A família mostrou-se como peça fundamental para que Luciana resgatasse a autoconfiança e a autoestima, consideradas fundamentais para a reconstrução de sua vida. Luciana mostra sua insatisfação com o corpo sem movimento, mas ao mesmo tempo, mostra que é necessário aprender que aquele é o corpo que ela tem e que ela deve redescobrir como viver com esse novo corpo. A personagem, apesar de pertencer a uma classe econômica privilegiada e, portanto, ter acesso a facilidades, tratamentos e informação, a trama da novela, apresenta forte verossimilhança, aproximando-se, em muitos momentos, da realidade cotidiana das pessoas com deficiência fora do mundo ficcional.

Com a personagem Luciana, temas como acessibilidade, direitos das pessoas com deficiência e inclusão social foram discutidos na telenovela, e, com tal visibilidade, ganharam espaço de discussão na sociedade. Ainda que apresente, em alguns momentos, um olhar pendular entre a vitimização e a divinização (SILVEIRA, 2012), *Viver a Vida* desestabiliza a visão que se tem sobre a pessoa com deficiência ao apresentar uma personagem que busca ter uma vida comum numa sociedade que ainda não está preparada para conviver com as deficiências.

### **Histórias de vida na telenovela**

O recurso de utilizar depoimentos de pessoas reais como um elemento de ligação entre a dramaturgia e o mundo não ficcional não é novidade nas telenovelas da Rede Globo, já tendo sido utilizada em *Páginas da Vida* (2006), novela do mesmo autor de *Viver a Vida*,

Manoel Carlos, que costuma apresentar questões sociais e culturais a partir de seus personagens (como o alcoolismo em *Por Amor* – 1997, a leucemia em *Laços de Família* – 2000, o câncer de mama em *Mulheres Apaixonadas* – 2003 e a síndrome de Down em *Páginas da Vida* – 2006) com a finalidade de mobilizar a sociedade com suas “campanhas sociais”.

No final de cada capítulo de *Viver a Vida*, era apresentado um breve depoimento (de um minuto e meio a dois minutos), no qual as pessoas deveriam contar sua história de vida, dando ênfase aos obstáculos pelos quais passaram e venceram. Dos 209 depoimentos apresentados na telenovela, identifiquei, inicialmente, 49 depoimentos de pessoas com deficiência física; , com uma pesquisa mais detalhada, cheguei ao número de 54 depoimentos, incluindo os de pais de pessoas com deficiência que falaram por seus filhos, por eles serem crianças ou por não terem sido considerados com condições físicas de falar frente às câmeras.

Os depoimentos em vídeo foram mantidos disponíveis para visualização no Portal da Superação (site criado para divulgar todos os depoimentos apresentados na novela, com algumas versões estendidas)<sup>4</sup> até meados de 2011. Enquanto eu escrevia minha dissertação, pensando em um futuro trabalho sobre os depoimentos, salvei todos os arquivos em meu computador pessoal, ato que permitiu que hoje eu pudesse realizar essa análise. Entretanto, alguns desses depoimentos continuam disponíveis em sites como *youtube* e páginas pessoais dos próprios depoentes. Para a presente (?) análise, selecionei todos os vídeos de depoimentos de pessoas com deficiência e, depois de vê-los um a um, transcrevi suas falas a fim de conseguir identificar semelhanças e dissonâncias entre os depoimentos. Também, para facilitar a análise, separei os vídeos em categorias próximas às utilizadas no site da Rede Globo.

Assim, dos 54 vídeos, 11 são de pessoas com tetraplegia, 13 de pessoas com paraplegia, sete de pessoas amputadas ou com deficiência congênita, cinco com deficiência visual (sendo que um deles também possui deficiência motora), 13 com alguma deficiência motora causada por doença crônica (poliomielite, “ossos de vidro”, distrofia muscular, etc.), quatro de mães de pessoas com deficiência (sendo que os únicos depoimentos que fazem referência à surdez são de mães de pessoas com deficiência auditiva<sup>5</sup>) e um, de um pai de pessoa com deficiências múltiplas.

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://viveravida.globo.com/platb/portal-da-superacao/>. Último acesso em 13 jun. 2013.

<sup>5</sup> Não diferencio nesse trabalho a surdez da deficiência auditiva.

Ao catalogar os depoimentos por ordem cronológica, é possível perceber que a seleção dos depoentes não foi feita aleatoriamente. Os primeiros depoimentos são de pessoas que já têm alguma representatividade na luta pelos direitos das pessoas com deficiência no Brasil, como o do jornalista Jairo Marques, que teve poliomielite e utiliza cadeira de rodas para se locomover. Além de ser jornalista da Folha de São Paulo, Jairo é conhecido por seu blog que trata das questões das pessoas com deficiência, o Assim como você<sup>6</sup>. Outro caso apresentado nos primeiros meses após o episódio do acidente de Luciana na trama é o de Fábio Fernandes, tetraplégico, praticante de esportes radicais e integrante do projeto Praia para Todos, que apareceu (representando ele próprio) em capítulo da novela como forma de inclusão da pessoa com deficiência na sociedade. Os primeiros depoimentos são, em sua maioria, de pessoas do Rio de Janeiro ou São Paulo e de pessoas que, de alguma forma, lutam publicamente pela aceitação das deficiências na sociedade; portanto, não eram de completos anônimos. Apesar de não serem famosos perante o grande público televisivo, suas histórias já eram conhecidas por outras pessoas com deficiência do país.

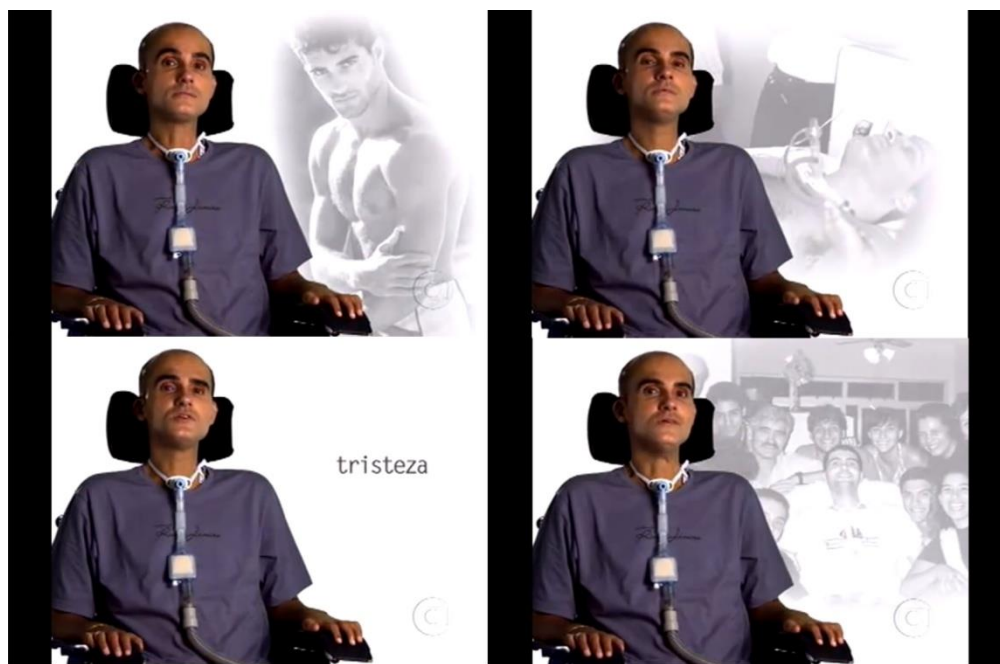
No Portal da Superação era possível não só ver as fotos e vídeos dos depoimentos, mas também sugerir pessoas como depoentes ou enviar seu próprio depoimento em texto escrito ou vídeo. Caso a história enviada fosse selecionada, a Rede Globo, através de suas afiliadas em todo o Brasil, gravaria o depoimento em seus estúdios, com um padrão estético, para ser apresentado no final de um capítulo da novela e ser publicado no Portal. A partir desse recurso, muitas pessoas com deficiência antes consideradas anônimas, tiveram suas histórias midiaticizadas.

Acredito que esses depoimentos se encontram na lógica das narrativas pessoais midiaticizadas, problematizada por Escosteguy (2011), por serem histórias de vida contadas e construídas dentro de uma dinâmica midiática. No caso da telenovela *Viver a Vida*, essas narrativas são contadas a partir de quem as viveu, sempre em primeira pessoa (mesmo aquelas em que a pessoa com deficiência são os filhos dos depoentes), apresentando, visualmente, apenas rosto e corpo dos depoentes, com um fundo branco, alternando ao fundo fotos de arquivo pessoal dessas pessoas e palavras de impacto como esperança, morte, vida, tristeza, alegria, família, autoestima, etc., como podemos ver na Figura 2:

Figura 2 – Imagens do depoimento de Rui Nuno

---

<sup>6</sup> Disponível em <http://assimcomovoce.blogfolha.uol.com.br/>. Último acesso em 13 jun. 2013.



Seguindo esse padrão, as histórias de vida são contadas como se a vida das pessoas tivesse começado no momento em que descobriram a deficiência, no caso das pessoas com deficiências adquiridas. Já no caso das pessoas que possuem as deficiências desde a infância, as suas histórias de vida começam no momento em que essas pessoas perceberam, de forma consciente, que eram diferentes das outras pessoas. Esse momento acontece, quase sempre, no início da vida escolar, ao se depararem com as dificuldades de ingressar na escola e ao verem suas diferenças físicas e de tratamento em relação às demais crianças.

Assim, as histórias de vida aqui analisadas não são consideradas reflexos da vida, mas, nos termos de Finnegan (1997), uma forma de construir suas vidas, de organizar os fatos e dar significado aos acontecimentos. Em sua maioria, as narrativas se iniciam com a frase “minha história começou quando...” e aí se seguem tragédias, acidentes, erros médicos ou situações constrangedoras por conta da existência da deficiência. A história de vida dessas pessoas começam com um final o final da vida com um corpo considerado normal para o início de uma vida com constantes adaptações.

Também, em sua maioria, as histórias seguem o mesmo caminho da ficção apresentada em *Viver a Vida*. Aquelas que contam um pouco de sua vida antes da deficiência, costumam considerar esse período de suas vidas como quase perfeitas, como no depoimento de Cleuton Nunes, que diz: “quando eu estava no auge da minha carreira, em plena forma



física, minha vida mudou”<sup>7</sup>. Após essas colocações, sobre suas vidas felizes antes da deficiência, vem a narração de suas tragédias, não apenas relatando como ficaram com a deficiência, mas também como se sentiram nesse momento dramático. Muitos contam de seu desejo – naquele momento - de morrer, como Cleuton Nunes e Rui Nuno<sup>8</sup>, que era campeão de judô e, após um acidente em uma luta, ficou tetraplégico e diz em seu depoimento: “o primeiro ano inteiro eu passei chorando, pedindo pra Deus me levar. Mas Deus me deu força”. É também nesse momento dramático que aparece o discurso da importância da religião, da esperança, da amizade, da solidariedade e da família para que pudessem se reerguer e tomar um novo rumo na vida. É também nesse momento que aparece o discurso de superação e de redenção dos depoentes. De todos os depoimentos de pessoas com deficiência, apenas no de Rosana Selicani, que precisou amputar uma perna após um acidente de moto, vemos a depoente dizer que sempre aceitou a deficiência. Portanto, temos um padrão na contação das histórias de vida analisadas: todos os depoentes passam de vítimas a vencedores.

Ainda, vemos principalmente nos depoimentos das pessoas que têm deficiência desde a infância ou que passaram a ter alguma deficiência na adolescência, a presença da alusão à sexualidade e aos relacionamentos amorosos em suas histórias. Destaco esse tema porque as pessoas com deficiência foram, historicamente, infantilizadas e representadas como assexuadas. Na trama de *Viver a Vida*, a sexualidade da pessoa com deficiência é discutida de forma a desmistificar esse tema e todos os depoentes mais jovens falam da sexualidade nas suas histórias de vida. Como diz Leandra Migotto, que tem osteogenesis imperfecta (conhecida como ossos de vidro), fez um ensaio fotográfico sensual e coordena um projeto sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, “a sexualidade faz parte da vida”<sup>9</sup>.

Outro depoimento que eu gostaria de destacar é o de Flávia Cintra<sup>10</sup>, tetraplégica que foi consultora de Manoel Carlos enquanto ele escrevia a telenovela, sendo Luciana (uma das protagonistas de *Viver a Vida*) inspirada na vida dela. Flávia diz que se incomodou com a postura assistencialista das pessoas que viam nela apenas a deficiência e não uma mulher capaz. Nesse sentido, o depoente Ricardo Tadeu, cego e com deficiência motora, diz que “os

---

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=4IldrYREmZU&feature=related>. Último acesso em 13 jun. 2013.

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=BmYIS6Xewkk&feature=related>. Último acesso em 13 jun. 2013.

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=a9xC5DOLiQY&feature=related>. Último acesso em 13 jun. 2013.

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=nlfp9C6P90>. Último acesso em 13 jun. 2013.

limites eram colocados pelas pessoas, não por mim. As pessoas viam limites onde eu não via”<sup>11</sup>. Da mesma forma que Ricardo, Flávia apostou no que podia fazer. Hoje é jornalista, repórter do *Fantástico* e mãe de gêmeos. Considero esse depoimento emblemático por mostrar que não é só na ficção que uma mulher tetraplégica pode ser mãe e profissional. Dentre os estudos mais representativos nos *Disability Studies*, estão aqueles que cruzam o estudo de gênero com o estudo da pessoa com deficiência. Nesses estudos, foi identificado que o homem com deficiência é visto como impotente e incapaz de amar e manter relações sexuais. Em contraste, a mulher é tipicamente representada como vulnerável, passiva, e dependente – figura trágica e santa, a ser salva por um “homem capaz” (BARNES; MERCER, 2001). Luciana, na ficção e, mais ainda, Flávia na “vida real”, vêm provar que isso é não é uma verdade.

Já o discurso médico, que costuma ver a pessoa com deficiência como um paciente com uma patologia a ser tratada, e que tem, portanto, uma visão paternalista, colocando a pessoa com deficiência num lugar de incapacidade, pouco apareceu nos depoimentos. Quando a equipe de saúde é citada, é no sentido de dar uma esperança de autonomia e independência para a vida com a deficiência. Os médicos, fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais aparecem como propagadores de palavras de esperança.

### **Considerações (finais)**

A intenção de Manoel Carlos ao incluir esses depoimentos na telenovela foi claramente exposta pelo autor: fomentar causas sociais. Também devemos levar em consideração que a contação de histórias de vida reais de pessoas com deficiência junto à dramaturgia, engloba diversas lógicas de produção televisivas e institucionais, como a questão da responsabilidade social, do discurso politicamente correto, da participação do receptor na produção de conteúdos, etc. Assim, obviamente, seria necessário mais do que a análise desses vídeos em conjunto com a telenovela e o contexto histórico em que ela foi apresentada para que se possa chegar a considerações finais sobre essas representações. Mas, nesse momento, posso fazer algumas considerações sobre o que encontrei nesse material.

---

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=W41PkOBzbQ8&feature=related>. Último acesso em 13 jun. 2013.

Em todos os depoimentos vi exemplos de pessoas “vencedoras”, que, com suas deficiências, lutaram por uma vida “normal” e hoje são pessoas felizes e bem resolvidas com relação a sua deficiência. Assim, todos reiteram o comportamento positivo da personagem Luciana, que busca ter melhor qualidade de vida e luta pelos seus sonhos e, por isso, é também uma vencedora. Também percebi que eles têm uma evolução linear crescente (no sentido de dar um caráter positivo à deficiência), passando, gradualmente, da tragédia à vitória, da vítima ao vencedor.

Apesar de não economizar nos discursos de superação, da autoestima e da esperança, e da não problematização de questões importantes para as pessoas com deficiência, esses depoimentos, juntamente com o Portal da Superação, reconhecem, de alguma forma, as pessoas com deficiência como pertencentes à sociedade e, mais, como pessoas que lutam para ter seus direitos respeitados. Entretanto, nessa tentativa de reconhecimento, a forma como são apresentadas essas histórias de vida acaba não só reconhecendo, mas exaltando a pessoa com deficiência, transferindo-a de um lugar de diferenciação para outro. Superar-se pode significar vencer ou exceder ao que se pensa que se pode fazer. Pensando assim, o que as pessoas com deficiência desejam não é serem consideradas exemplos de superação: desejam simplesmente viver como todas as outras pessoas. Ir à escola ou trabalhar deveria ser considerado algo tão comum como é considerado para as pessoas sem deficiência. Assim, o que faz com que esses exemplos sejam exemplos de superação é a falta de acesso e as barreiras impostas pela sociedade.

A sociedade costuma olhar a deficiência e não a pessoa que a tem, criando barreiras pelo medo do diferente. A falta de informações sobre o que são as deficiências e como agir com elas acaba por tornar a deficiência uma condição de incapacidade e desvantagem social. Assim, quando as representações midiáticas mostram a pessoa com deficiência a partir de uma visão não paternalista, abre um espaço de discussão nacional sobre o assunto e ajuda a promover mudanças significativas na sociedade.

Todavia, o discurso de superação, encontrado nos depoimentos analisados, parece vitimizar e exaltar a pessoa com deficiência, ao mesmo tempo que a reconhece como sujeito comum da sociedade. Vitimiza-a no momento em que, com forte apelo emotivo, mostra sua história como uma tragédia e diviniza-a no momento em que a apresenta como um “ser superior” por ter ultrapassado essa tragédia. Assim, utilizando um padrão midiático para a construção de suas histórias de vida a partir da narração de suas experiências, as pessoas com

deficiência permanecem sendo representadas em um lugar de diferenciação social, ainda que este pareça ser um lugar positivo. Afora isso, ao contar as histórias a partir desse padrão, temos acesso a apenas um pedaço da história dessa vida, ao reconhecimento da história dessa pessoa apenas a partir do fato contado e, como o fio condutor das histórias narradas são as suas deficiências, reconhece-se a pessoa a partir de sua deficiência.

## Referências

BARNES, Colin; MERCER, Geoff. Disability Culture. Assimilation or Inclusion. In: ALBRECHT, Gary L.; SEELMAN, Katherine D.; BURY, Michael. **Handbook of Disability Studies**. Oaks: Sage Publications, 2001.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Narrativas pessoais mediatizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 198-211, janeiro/abril 2011.

FINNEGAN, Ruth. Storing the self: Personal narratives and identity. In: MACKAY, Hugh (Org.). **Consumption and everyday life**. Londres: The Open University, 1997, p. 65-111.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (Org). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Último acesso em 03 set. 2012.

MEMÓRIA GLOBO. **Autores**: histórias da teledramaturgia. Vol. 2. São Paulo: Globo, 2008.

SILVEIRA, Bruna Rocha. **Entre a vitimização e a divinização**: a pessoa com deficiência em Viver a Vida. Dissertação de mestrado (Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2012

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**; e se o outro não estivesse aí?? Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.